

OS BASTIDORES DO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
LA TRASTIENDA DE LA ENSEÑANZA DE LENGUAS EXTRANJERAS
THE BACK ROOM OF FOREIGN LANGUAGE TEACHING

Rocío CRUZ ORTIZ¹

Os bastidores do ensino de línguas estrangeiras é uma obra na qual Francisco García Marcos, catedrático de Linguística Geral na Universidade de Almeria, lida com uma das linhas de pesquisa em torno da qual grande parte de sua trajetória acadêmica tem sido realizada, o ensino de línguas estrangeiras. O volume de 96 páginas, foi publicado em 2018 no seio da coleção Interlúngua do editorial Comares.

Se em um sentido físico, o termo *trastienda*² (bastidores) remete ao lugar que se situa atrás de um cenário, sabemos que, metaforicamente, faz alusão ao que se encontra por trás de uma realidade, na profusão de alguma coisa. Além disso, em sua acepção, sob a marca de coloquialismo, o *DEL* (*s.v trastienda*) define a *trastienda* como uma “cautela advertida e reflexiva no modo de proceder ou no governo das coisas”. Em linhas gerais, este volume constitui um percurso pelas diferentes etapas, processos e mudanças pelos quais o ensino de línguas estrangeiras tem passado desde seu surgimento até os dias atuais, sob o ponto de vista teórico-metodológico. Por outro lado, o autor contribui com suas próprias reflexões, experiências pessoais como professor de E/LE e ponto de vista crítico sobre questões relacionadas a esta matéria, formulados sempre com suma prudência e cautela. A escolha do título, portanto, parece estar mais que justificada.

Neste sentido, o último ponto mencionado, a meu ver, é o que torna este trabalho único, pois está longe de ser uma mera revisão bibliográfico-temporal. Como nos adverte García Marcos, não só se pretende expor a trajetória geral vivenciada pelo ensino de línguas estrangeiras, como também sistematizar a experiência do docente neste âmbito.

¹ Universidad de Granada – (UGR), Granada – España. Pós-doutor no Departamento de Língua Espanhola. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4216-1120>. E-mail: rociocruz@ugr.es

² Nota da tradutora: A autora analisa o termo em espanhol. Mantem-se com sua originalidade e se disponibiliza sua devida tradução ao português: “bastidores”.

Quanto à estrutura organizativa deste livro, uma primeira seção introdutória é seguida por quatro grandes blocos na forma de capítulos que constituem a maior parte do trabalho, culminando com uma última seção obrigatória de referências bibliográficas.

Na introdução, García Marcos nos diz que, embora o ensino de línguas estrangeiras não tenha sido sua principal linha de pesquisa, esteve intimamente ligado a ele ao longo de sua carreira profissional, visto que foi professor de espanhol como língua estrangeira na Universidade de Kiel, Granada e Almería; nestas duas últimas, ademais, exercendo trabalhos de coordenação e gestão neste âmbito. Embora o autor se mostre prudente em toda a aproximação teórica ao longo deste trabalho, destaca neste início duas questões das quais diz estar profundamente convencido: que o ensino de línguas estrangeiras deve ser de domínio da linguística aplicada e que sua aproximação com esta disciplina tem se dado sempre através de sua própria experiência como docente, nunca como mero teórico observador de uma sala de aula da qual não participa (p.3). Não estamos, aliás, unicamente frente ao ponto de vista de um linguista, mas de um professor. Talvez seja por isso que ele considera que muita atenção foi dada ao método, ao currículo e ao aluno, mas não tanta ao docente, figura que ele pretende situar como eixo transversal do trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado “*El fundamento teórico de la enseñanza de lenguas y sus consecuencias*”³ nos oferece uma visão panorâmica do arcabouço teórico e da evolução de metodologias aplicadas para este fim, desde as origens desta disciplina até chegar ao paradigma científico do final do século passado. O ensino de línguas estrangeiras encontra seu primeiro momento fundante nos anos 60 do século passado, amparado pela linguística teórica estadunidense, em cujo seio se desenvolveu. Os primeiros que se encarregaram de teorizar esta disciplina foram os estruturalistas, a cujo modelo se adaptou à concepção deste novo campo em um primeiro momento; no entanto, muito próximo, na segunda metade dos anos 70, com *Teaching Language as Communication* de Widdowson como grande referência, o modelo comunicativo é importado na maneira de entender o ensino de línguas estrangeiras. O método comunicativo destaca as limitações do gerativismo e estabelece que, para ser competente em outra língua, não basta unicamente transmitir a gramática, tendo que ser ampliado este horizonte, atendendo a muitos outros fatores, entre os quais, recebe especial relevância a variação. Para mais, a teoria científica do final do século evoluiu

³ N. da T.: “A fundamentação teórica do ensino de línguas e sua consequência”. Os títulos dos capítulos serão mantidos em espanhol ao longo do texto, disponibilizando sua tradução em nota de rodapé.

para a interdisciplinaridade, o que faz com que novos fatores entrem em jogo quando o aprendizado de uma nova língua é levado em consideração, como, entre outros, o didático. Neste sentido, ainda que algumas destas disciplinas tenham tentado integrar o ensino de línguas estrangeiras dentro de seu campo, após inúmeras reflexões teóricas, parece claro que, a partir da taxonomia do conhecimento, seu lugar está na linguística aplicada.

O segundo capítulo aborda “*La adquisición de lenguas extranjeras como proceso*”⁴. Nele, García Marcos inicia aludindo ao segundo grande movimento reformista que se dá no ensino de línguas estrangeiras, a perspectiva processual, que entende a língua como um *gradatum*. Embora o autor se mostre de acordo com esta concepção teórica, não o faz como uma de suas mais importantes consequências: a divisão entre *aprendizagem* e *aquisição* que, em sua opinião, não são mais que dois componentes de uma mesma atividade. Duas questões fundamentais, fruto do estabelecimento de limites nocionais e de sua caracterização dentro da concepção processual resultam elementares e se estabeleceram bibliograficamente graças a este período: por um lado, o *continuum* na aquisição de línguas estrangeiras, visto a partir da variação estilística e, por outro, o conceito de interlíngua. A respeito do primeiro, o autor considera que nem de longe se deve pensar em algo parecido a uma sequência linear, mas que seria de caráter holístico, já que, para ele, este se parecia muito a como se produz a aquisição e o desenvolvimento da língua materna. Quanto à interlíngua, esta serviu para delimitar os processos de aquisição de uma língua, embora sua definição teórica não deixe de ser problemática, posto que não se trata de chegar a partir de um ponto de partida A ou B, mas que, em última instância, sempre conviverão duas competências comunicativas simultâneas em um mesmo falante. Para mais, García Marcos afirma que não se deve associar a interlíngua às línguas pidgin ou crioulas, dado que, embora o núcleo de atividade da primeira seja principalmente social, a aquisição de uma língua estrangeira é preferencialmente uma atividade individual.

O terceiro capítulo, que recebe o nome de “*La incorporación del acento didáctico*”⁵, é o mais amplo de todos, o qual não é de se estranhar, levando em consideração que se ocupa de questões fundamentais no ensino de idiomas que ainda hoje temos muito presentes, como o planejamento curricular, a docência, a sala de aula e o corpo docente. Nele se defende que, o componente didático, embora houve um

⁴ “A aquisição de línguas estrangeiras como processo”.

⁵ “A incorporação do sotaque didático”.

tempo em que se considerou como o principal no ensino de línguas, deve ser visto como um fator auxiliar dentro do núcleo da linguística aplicada. Por outro lado, este sotaque na didática teve também suas vantagens, já que, de maneira mais ou menos discutível, propiciou que se prestasse atenção a fatores até o momento pouco notados, como a importância do planejamento curricular e sua correta confecção, a organização da programação, a redefinição da figura do professor e de seus diferentes papéis, que haviam evoluído desde o autoritarismo tradicional e, certamente, a atenção e a gestão dos alunos, atendendo às suas várias características e necessidades. O aluno adquire um grande protagonismo no processo educacional, do mesmo modo que a gestão da aula também o adquire, que também se estima como algo fundamental, visto que é o contexto em que o aluno e o professor convivem. Definitivamente, pouco a pouco foi sendo construído um universo docente radicalmente diferente do que existia nos primeiros anos da definição teórico-metodológica no ensino de línguas. Neste capítulo, a colocação de todos estes temas, onde o autor introduz, em ocasiões para exemplificar alguma questão, às vezes para rebater algum argumento, outras simplesmente para fornecer mais dados, sua experiência pessoal como docente neste campo, na qual não só se limitou a dar aula, como também pesquisar empiricamente acerca de diversos aspectos de ordem metodológica que, além de ilustrar com informação pertinente e nos fazer refletir acerca de questões concretas, são responsáveis não só pelo grande profissionalismo e meticulosidade com os quais tem abordado o ensino de línguas, mas também por sua profunda predisposição e dedicação para compreender o funcionamento deste processo.

O quarto e último capítulo se dedica a “*Materiales y tareas*”⁶, devido a que este é outro aspecto fundamental que tem sofrido uma evolução notória desde os inícios teóricos do ensino de línguas estrangeiras até os dias de hoje e que, em vista do crescente desenvolvimento das novas tecnologias, seguirá assim. Nos anos 80, a elaboração dos materiais exigia que fosse o mais próximo possível da realidade, ou seja, que tivesse uma adequação empírica. Para o autor, os materiais devem se ajustar, em primeira instância, aos objetivos curriculares e, mais tarde, encontrar zonas comuns com a pesquisa empírica. Por outro lado, um dos recursos mais potentes e utilizados pelos professores foi o conhecido *enfoque por tareas*, que tratava de cumprir, através de uma atividade, vários objetivos de forma simultânea. A pesar de seus inquestionáveis

⁶ “Materiais e tarefas”.

benefícios, reside aqui a dificuldade de elaborar tarefas eficientes, atrativas e pertinentes. Diante disso, García Marcos nos apresenta uma atividade que ele idealizou para um grupo de alunos estrangeiros, que intitulou de *gramática novelada*⁷, a qual sincronizava vários objetivos didáticos de uma vez, e que teve alguns resultados muito positivos, especialmente nos níveis mais altos.

O próximo passo no projeto e produção de materiais foi possível através da incorporação da linguística na computação, o que proporcionou a informatização do ensino de línguas estrangeiras que, nos anos 90, deu lugar a três grandes áreas: a produção informatizada de materiais, a utilização de computadores como suporte didático e a presença da informática como operador pedagógico. Além disso, o autor prevê que a última fronteira a atravessar é o ensino de línguas estrangeiras mediante a realidade virtual. As vantagens que a realidade virtual oferecerá a este campo são evidentes, já que se poderá projetar uma imersão controlada e sequenciada, além de que, por outro lado, permitirá atualizar conteúdos ou avaliar atividades de forma imediata. Seu desenvolvimento, no entanto, requer necessariamente de um grande trabalho interdisciplinar entre diversas áreas.

Em resumo, este nos parece um manual de referência obrigatório no campo do ensino de línguas estrangeiras, tanto para os mais interessados na teoria, quanto para os docentes, uma vez que fornece uma visão retrospectiva e minuciosa do desenvolvimento desta disciplina ao longo do tempo e do papel que jogam seus diferentes componentes em sua evolução. Por outro lado, as numerosas experiências pessoais e pesquisas próprias que são fornecidas, além das abordagens críticas, fazem com que este volume se configure como um grande trabalho novo e original, que supera os limites do meramente descritivo. García Marcos, ao nos apresentar suas inquietudes, dúvidas e crenças relacionadas ao ensino de línguas estrangeiras, nos mostra não só sua qualidade como linguista, mas também do grande desempenho docente que realizou.

REFERÊNCIAS

GARCÍA MARCOS, F. **La trastienda de la enseñanza de lenguas extranjeras**. España: Editorial Comares, 2018. 96p. (Colección Interlingua)

⁷ Nova gramática.

Como referenciar esta resenha

CRUZ ORTIZ, Rocío. Os bastidores do ensino de línguas estrangeiras. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 229-233, jan./jun., 2020. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v6i1.13621>

Submetido em: 30/07/2019

Revisões requeridas em: 30/08/2019

Aceito em: 30/11/2019

Publicado em: 06/01/2020